

# SIMONE EVRARD

## exemplo duma mulher

Um homem de acção deve sêr inteiramente livre para se realizar completamente. Livre das peias domésticas que entavam, imobilizam, amoldam o pensamento, a vontade, os actos dos homens e consequentemente os transformam. O lutador, que luta por um povo ou pela humanidade, se constitui família, só raramente não perde muitas das qualidades e fraqueza. Há normalmente uma quebra do vigor combativo, um amolecimento da vontade, uma menor preocupação pelos problemas suscitados na luta. Por um lado, isto resulta da dispersão de actividades pois que o facto de constituir família implica logo uma nova luta a travar, num círculo mais restrito, para obviar às dificuldades financeiras, resolver os problemas literários do pequeno grupo. Por outro lado as sugestões do ambiente familiar alieiam-no; não só o conforto da casa, os pequenos prazeres íntimos muitas vezes o amolentam, como muito principalmente o meio donde veio a mulher, as suas ideias, a despreocupação pelos problemas do lutador, e a sua falta de élan combativo agem sobre ele lentamente, persistentemente até triunfarem.

Assim acontece muitas vezes que uma paixão é a morte de um herói. Freqüentemente acontece um homem ainda novo vencedor de batalhas raudantes, com mil promessas de louros sois de sacrifício e exaltação, bruscamente declinar o repto dos adversários e começar a equiponderar victórias e derrotas, medir probabilidades de sucessos e desditas, pesar os sacrificios e as contrariedades. E assim vemos pela acção de novas condições de vida esse homem disvitalizar-se e naufragar na inércia. O lutador não foi

contas com a sua história. «Depois...» Que me importava a mim depois? Bruscamente atirei com a pergunta que me escaldava:

—Tomou conta do *Mulato*? Ele fixou-me com os seus olhinhos pretos, a seguir ficou o cão. Julguei que a resposta demorava um tempo sem fim, que não chegava mais.

—Tomei.  
Pensei em me erguer e sair, em me ir embora para não voltar. Entretanto mestre Ruivinho pegou de novo na conversa e eu fiquei.

—Sabe o menino? precisamos ter simpatia pelos desgraçados. Comigo nunca ninguém se importou. E' o mesmo. O *Mulato*, coitadinho, andava por aí aos pontapés de

vencido na batalha—que ai, quer derrubado quer triunfante, se não se orgulhar dos despojos na victória, não pedir graça às espadas inimigas quando da derrota, sempre será vencedor. Mas foi derrotado pelos perfumes do amor e as fraquezas do corpo.

Por isso quando o lutador encontra uma companheira cuja carne e espirito e vontade se identifiquem com a sua carne e espirito e vontade, quando de facto a mulher, com que se una, seja a companheira de todas as caminhadas e triunfos, e os desejos sejam comuns, e a luta seja comum, então não parará.

Então sua força dobrará porque se conjuga com a força da companheira, suas derrotas deixarão menos feridas porque serão dois a sará-las, seus esmorecimentos serão mais passageiros porque ela lhe prestará alento e lhe inflará maior coragem.

Simone Evrard foi uma digna companheira do «Amigo do Povo». Esta simples filha dum carpinteiro de Tournus, esta moça de alma ardente que veio até Paris arrastada por um desejo de liberdade, esta pobre rapariga que a Revolução inflama e exalta, está destinada a sêr a companheira de Marat.

Quando o «Amigo do Povo» perseguido, em 1790, busca um asilo seguro indicam-lhe a casa das três irmãs Evrard, apontadas como ardentes patriotas.

Catarina tem vinte e seis anos apenas e Marat está perto dos cincoenta. Mas apesar da diferença de idade a moça apaixonou-se por este homem.

todos. Uma coisa de fazer vir as lágrimas aos olhos. E o pior de tudo é que os animais nem queixar se podem. Então eu matutei, matutei e vi que com toda a minha infelicidade elle aliada era mais infeliz que eu. Recolhi-o. Onde come um, comem dois.

Achei que tinha feito bem. Dentro de mim, no entanto, havia uma dorzinha. Uma dorzinha que me envergonhava.

Deixei a aldeia, fui estudar para a cidade. Nas primeiras férias, quando cheguei a casa, soube que o *Mulato* tinha morrido e que mestre Ruivinho abalara, não supunham para onde.

Nunca mais o vi nem dele tive noticias.

A força do lutador, os seus ideais, as suas paixões incendiam a alma desta rapariga. E' uma inclinação brusca, imperiosa, que a impelle para «O Amigo do Povo». Este homem de todos o mais odiado nos anos do grande movimento é também o mais amado por muita pobre gente. Simone, antes de o encontrar no seu caminho, já o considerava o seu mestre, o seu guia, o seu verdadeiro amigo. Quando o acaso quis que as suas rotas se cruzassem, a moça caiu aos pés do mestre, como uma jovem mística religiosa aos pés de um santo. E entre as irmãs se tornou logo mais notada pelo seu devotamento, os mil cuidados para com o «Amigo do Povo» cuja vida considerava sagrada. As suas economias logo pôe à disposição do jornalista que por dificuldades financeiras havia calado a sua voz. Marat aceita e ela destina a sua vida a auxiliar esse homem que destinou a sua à defesa dos «sans-culottes». Com elle se identifica totalmente, por elle vive, para elle vive. E' com o maior cuidado que procede aos arranjos do «menage», com todo o amor que se desvela em lhe dar conforto. E vive, a cada momento, a luta desse homem, vive as suas paixões, as suas victórias, as suas derrotas; com elle sofre, com elle ri, com elle chora. A' sombra desta rapariga pura e não bonita se retempera o «Amigo do Povo» dos golpes sofridos em combate. Dela virão sempre consolação, alento, palavras de esperança. E de tal forma sua presença envolve e penetra Marat que este se deixa seduzir. Começa a sentir que o refúgio que lhe indicaram não é somente esconderijo mas também ninho. Começa a sentir pouco a pouco que Simone Evrard vai entrando em seu coração. Este homem duro, excessivamente duro para os seus inimigos, deixa-se invadir de ternura. Em vésperas de partir para Inglaterra, Marat promete-lhe casamento. Simone fica-o esperando, esperando como amante, esperando como a camarada dos mesmos ideais. E quando «O Amigo do Povo» volta ella logo se junta para viver a sua sorte até ao fim. E durante toda a grande batalha, nos momentos de successo como nos de maior desânimo, na ascensão para a glória, como no declinar para a morte, esta grande mulher não o desampara um só momento. Vigia,

como um cão de guarda, todos os sinais suspeitos de perigo para Marat. Fareja, sonda, está sempre alerta. Sua dedicação pelo «Amigo do Povo» é a dedicação pela causa da Revolução. Jamais esta mulher tentou arredá-lo do caminho tormentoso a que elle se havia metido. Nunca por nunca lhe pediu que esquecesse por um instante a vida da praça pública e da cidade pelo seu amor. Pelo contrário, foi uma voz sempre a apoiar uma outra voz, uma força a ajudar outra força, uma vontade conjugando-se com outra vontade. Não lhe pediu que elle não escalasse as montanhas pedregosas, onde ensanguentava os pés descalços, mas ao contrário, caminhava a seu lado para os refrescar e lhe dar consolo.

Sua vigilância e cuidados não impediram entanto que Carlota Corday assassinasse Marat. Simone desconfiou da moça que tanta urgência tinha em falar ao «Amigo do Povo», barrou-lhe a entrada, mas Marat ordenara que a deixassem e ella obedeceu.

Simone Evrard arrependeu-se de certo pela primeira vez de lhe têr dado ouvidos. Após a morte de Marat, um desespero, uma tristeza patética se apossa desta rapariga grandiosa. Que tem ella a fazer? Dirige-se à Convenção e declara: «Vêdes na vossa frente a viúva de Marat. A viúva de Marat não tem necessidade de mais nada, a não sêr um túmulo».

Mas não era ocasião de morrer. Simone devia viver ainda para gritar pelos anos fora a pureza, a independência, a grandiosidade do «Amigo do Povo». Devia viver mais que a República e chegar ao Império. E a sua voz heroica havia de se erguer, durante todos esses anos em que o pretenderam aviltar e o atacaram, a defendê-lo. No meio da confusão e do delírio, após o esmagamento da República, só duas vozes gritam bem alto, e levantam como um pendão o nome de Marat, Simone e uma irmã do «Amigo do Povo». Porque Simone Evrard sabe sêr fiel na morte como o foi na vida. Não pode atraçoar o pensamento nem a alma do homem que amou. E no meio dos ódios que se despenham sobre o herói abatido, e das traições dos homens que o tinham seguido e o repudiam, esta mulher não o repudia, nem o atraçoar. Levantem-se de todos os lados ódios e rugidos de ameaça, nem por isso Simone o deixará de amar furiosamente e de o defender até à morte.

MANUEL CAMPOS LIMA